

O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO EM MAFALDA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

THE GENERATIVE SENSE PATH IN MAFALDA: A SEMIOTIC ANALYSIS

Paula Ramos Ghiraldelli¹

Universidade Federal do Tocantins

Thiago Barbosa Soares²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise de uma tira em quadrinho da Mafalda, de Quino, sob a perspectiva da semiótica greimasiana, de modo estabelecer uma maior compreensão do texto e dos sentidos engendrados em sua constituição. A escolha do corpus deu-se devido à universalidade do objeto, sendo este amplamente conhecido e à sua temática, contemporânea, que pode ser destrinchada e discutida a partir da aplicação do Percurso Gerativo do Sentido, à medida que os valores fundamentais, estrutura e encadeamento de transformações na narrativa, seus mecanismos de projeção, bem como sua manifestação temática e figurativa, geram efeitos de sentido de humor e crítica a certos padrões perpetuados na sociedade. Assim, o objeto se mostra rico para a análise semiótica, embora tenha apenas quatro quadros, é possível depreender de sua composição a concepção de valores na complexidade social.

Palavras-chave: Semiótica; Percurso Gerativo do Sentido; Texto; Sociedade; Mafalda.

Abstract: The purpose of this article is to carry out an analysis of a comic strip from Mafalda, by Quino, from the perspective of Greimasian semiotics, in order to establish a greater understanding of the text and the senses engendered in its constitution. The corpus was chosen due to the universality of the object, this being widely known and its contemporary theme, which can be unraveled and discussed from the application of the Generative Path of Sense, as the fundamental values, structure and chain of transformations in the narrative, its projection mechanisms, as well as their thematic and figurative manifestation, generate effects of sense of humor and criticism of certain patterns perpetuated in Society. Thus, the object proves to be rich for semiotic analysis, although it has only four frames, it is possible to deduce from its composition the conception of values in social complexity.

Keywords: Semiotic; Generative Path of Sense; Text; Society; Mafalda.

Submetido em 26 de dezembro de 2020.

Aprovado em 30 de janeiro de 2021.

¹ É graduanda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: prghiraldelli@mail.uft.edu.br

² Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É membro pesquisador do Laboratório de Estudos do Discurso (LABOR-UFSCar) e do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFSCar). É professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Introdução

Este artigo tem como objetivo realizar a análise semiótica de uma tira em quadrinho da Mafalda, do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado Tejón (Quino), sob a perspectiva teórica proposta por A. J. Greimas (semiótica greimasiana), de modo estabelecer uma maior compreensão do texto e dos sentidos engendrados em sua constituição. A escolha do corpus deu-se devido à universalidade do objeto, sendo amplamente conhecido, e à sua temática, contemporânea, que pode ser destrinchada e discutida a partir da aplicação dos conceitos da semiótica. Para análise, selecionamos uma tira específica, disposta abaixo.



Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com/2013/09/tirinha-689.html>. Acesso em 26 de outubro de 2019.

Sobre o objeto³ em questão, a Mafalda é a personagem homônima às tirinhas de Quino, publicadas originalmente na Argentina, em 1964, no semanário *Primeira Plana*, e, depois, no diário *El Mundo*, no período de 1965 a 67. Em junho de 1968, Mafalda passou a ser publicada no semanário *Siete Días Ilustrados*, onde permaneceu até sua última tira, em junho de 1973.

Escritas dentro do contexto da Guerra Fria e das ditaduras Latino Americanas, as tirinhas narram o dia a dia de Mafalda, uma garotinha em idade de alfabetização que, apesar da pouca idade, é bastante politizada: preocupa-se com a humanidade, a paz mundial, e se rebela com o estado atual do mundo, fazendo críticas aos regimes mundiais, à sociedade e às mazelas humanas, mesclando a ingenuidade infantil com e a percepção adulta.

Para suas narrativas, Mafalda conta com a ajuda de seus pais, seu irmãozinho, seus amigos – Susanita, Filipe, Manolito, Miguelito e Libertad –, além de sua tartaruga (Burocracia) e de um rádio, pelo qual ouve as notícias. Além disso, as tirinhas incluem alguns importantes acontecimentos do período, como a chegada do homem à Lua, no bojo da corrida espacial, a guerra do Vietnã e o fim dos Beatles – fato que afetou profundamente a beatlemaníaca Mafalda.

Para examinarmos como os sentidos são engendrados na tirinha acima, empreenderemos uma análise semiótica norteada pelo Percurso Gerativo de Sentido. A respeito da metodologia teórica aqui a ser utilizada, conceberemos o plano de conteúdo, ou seja, o plano do significado do objeto, a partir de seu Percurso Gerativo de Sentido, proposto pela teoria Semiótica A. J. Greimas – uma teoria que tem por objetivo descrever e explicar como o sentido é construído em um texto. Para tanto, a Semiótica propõe verificar separadamente os *planos de conteúdo* e de *expressão*⁴ de um texto para, posteriormente, conectá-los em prol da interpretação da construção das trilhas de sentido.

Segundo a teoria greimasiana, o estudo do plano de conteúdo é realizado sob a forma de um Percurso Gerativo do Sentido. Esse compreende uma sequência de três

³ Informações disponíveis em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mafalda>. Acesso em 26 de outubro de 2019.

⁴ Os conceitos de plano de conteúdo e de plano de expressão foram desenvolvidos por Hjelmslev, e advêm respectivamente dos conceitos de significante e significado do Curso de linguística Geral de Ferdinand de Saussure. Segundo esses preceitos semióticos, para que haja um texto é necessário que aconteça uma união de conteúdo, o que se diz, com uma expressão, como se diz. Por exemplo, se pretendemos passar uma determinada mensagem (conteúdo) temos que escolher um plano de expressão (forma) para que ela se estabeleça.

etapas, ou níveis, descritos e explicados por uma gramática autônoma que parte de um patamar “mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto” (BARROS, 1997, p. 13). É através do percurso gerativo e (somente) pela relação entre suas etapas que se pode apreender o sentido total do texto segundo seu quadro semiótico de funcionamento.

A primeira etapa é denominada Nível Fundamental e é nele que se determina a(s) oposição(ões) semânticas em que se constroem os sentidos primordiais do texto para desenvolvimento da narratividade em um determinado direcionamento, já que seu princípio fundamental é a transformação. Essa se expressa pela oposição/relação existente entre o valor positivo (eufórico) e o negativo (disfórico) que determinam a linha argumentativa do texto.

A segunda etapa é chamada de Nível Narrativo, relativo à narratividade do texto, ou seja, a “transformação que se tem entre dois estados mínimos” (FIORIN, 2018), através da qual se tem “tentativas de explicar o mundo segundo uma determinada ótica” (SOARES, 2020, p. 117). Assim, nesse nível, a narratividade é organizada do ponto de vista de um sujeito, ou seja, um sujeito assume a narração, simulando a história.

Na terceira e última etapa – o nível do discurso – deve-se examinar as relações do momento da enunciação que fazem com que ela seja produzida e comunicada no texto-enunciado. Desse modo, o sujeito da enunciação rege o discurso de acordo com um ponto de vista, o que permite estabelecer a relação entre enunciador e enunciatário (por meio das marcas disseminadas no texto), além de recuperar as relações entre o texto e contexto sócio histórico que motivaram sua produção, bem como as relações dialógicas inseridas nesse texto.

Além disso, em cada um dos níveis do Percurso existe um componente sintático e outro semântico. “As estruturas dos textos têm níveis com suas próprias sintaxes e semânticas correspondentes” (SOARES, 2018, p. 99). O componente sintático é de ordem relacional, ou seja, rege o encadeamento das formas de conteúdo ao longo do texto. Esse esquema relacional recebe investimentos semânticos, descritos pelo componente semântico do Percurso Gerativo de Sentido. Ambos os processos serão especificados em na análise.

A seguir, com base nessas definições citadas acima, além de outras que serão especificadas à medida que se apresentar necessário, daremos início a nossa análise. É importante ressaltar que esta análise visa demonstrar principalmente o Percurso

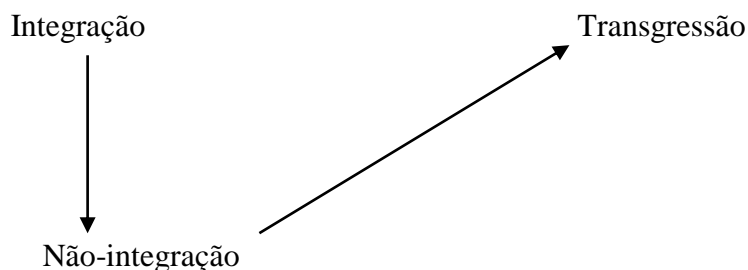
Gerativo de Sentido do plano de conteúdo do texto, mas não se eximirá completamente do plano de expressão, já que a Teoria Semiótica também destaca a importância do plano de expressão:

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. Do mesmo modo, é impossível existir (a menos que sejam isolados artificialmente) um conteúdo sem expressão e uma expressão sem conteúdo (HJELMSLEV, 2003, p. 198).

1. Análise do percurso gerativo de sentido na tirinha

Uma análise do Percurso Gerativo do Sentido inicia-se no Nível fundamental, com o aspecto semântico do Nível Fundamental, no qual se determina o sentido mínimo do texto: a relação de oposição ou de diferença entre dois termos englobados por um único eixo semântico – o par semântico –, sendo cada termo qualificado como um eufórico e o outro, disfórico. Na Sintaxe do Nível Fundamental, ocorre a operação de negação e afirmação desses valores que compõe a essencial oposição semântica de um texto. Ressaltamos o fato de que “euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema axiológico do leitor, mas estão inscritos no texto” (FIORIN, 2018, p. 20).

Na tirinha da Mafalda em questão, o conteúdo semântico fundamental abrange os valores eufórico representados pela **transgressão** e disfóricos, pela **integração**, dado que o texto se movimenta em função de uma transgressão, da quebra de um paradigma social. Dessa forma, o movimento que ocorre na Sintaxe Fundamental de nosso objeto vai dos valores da integração para os da transgressão, e pode ser representado pelo seguinte esquema semiótico:



Seguindo a sequência da tirinha, na primeira fala (de um personagem, a quem se percebe ser um vendedor ambulante) tem-se a afirmação dos valores disfóricos: à medida que ele pergunta se “O chefe da família está?”, está afirmando os valores da

integração (da família patriarcal, tradicional e conservadora). Em resposta a essa fala (do personagem vendedor), a personagem Mafalda nega os valores disfóricos e afirma os eufóricos, respectivamente em: “Esta família não tem chefe” e “Somos uma cooperativa”.

A narrativa termina com o pensamento do vendedor, com os dizeres “Afinal... Não ensinaram todo tipo de resposta no curso de vendas”, a partir dos quais se observa que o personagem ignora completamente a ocorrência da transgressão: ele não percebe nenhum grande problema com os valores da integração, não vê a existência de um outro valor (oposto) no mundo e, portanto, o problema seria apenas dos conhecimentos do curso de vendas que seriam insuficientes para realizar a venda.

Essa última fala representa novamente a afirmação da transgressão no texto, à medida que se pode, através dela, estabelecer uma crítica à integração: o portador dos valores da integração estaria tão imerso em seus valores que não percebe que os mesmos estão sendo transgredidos, que nem todos no mundo seguem os mesmos valores. Conclui-se, desta forma, que o texto é eufórico e sua operação de sintaxe fundamental termina na afirmação do elemento eufórico – a transgressão.

A segunda etapa no Percorso Gerativo encontra-se no Nível Narrativo, que corresponde a um simulacro da ação do homem no mundo, observado a partir da narratividade no texto. A narratividade se difere de narração, à medida que é entendida como “uma transformação de estado, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age sobre o mundo em busca de determinados valores investidos no objeto” (BARROS, 1995, p. 85).

Assim sendo, temos, na Sintaxe Narrativa, a determinação dos participantes e seu papel na ação, e na Semântica, a seleção de elementos fundamentais a serem relacionados aos sujeitos através de valores. A Sintaxe do Nível Narrativo é estruturada dentro do Esquema Narrativo Canônico. Nesse, organizam-se hierarquicamente as sucessões de estado e de transformação dos sujeitos envolvidos. Assim, o Esquema Narrativo se divide em Percursos Narrativos – às ações e transformações sofridas e executadas por um determinado sujeito.

O percurso de cada sujeito é organizado por um encadeamento lógico de programas narrativos, que correspondem às unidades operatórias elementares da organização narrativa de um texto e se constituem em um enunciado elementar, ou seja, um enunciado do fazer (ação) que rege um enunciado de estado (transformação de

estado). Assim, em cada programa, a partir de determinado contrato, o sujeito age e transforma o mundo no qual está envolvido.

Em nosso objeto, em seu aspecto sintático narrativo, temos o percurso do sujeito vendedor e o percurso da menina, a Mafalda, que serão compreendidos da maneira cronológica em que se dispõe no texto: o percurso do vendedor, composto por dois programas narrativos, e o da Mafalda, que compreende um. Nesses programas narrativos é possível observar a manifestação das fases constituintes da narrativa – a manipulação, a competência, a performance e a sanção (BARROS, 1997; FIORIN, 2018).

As fases que constituem a narrativa não estão sempre sequencialmente dispostas, mas se relacionam: a manipulação consiste em uma indução em realizar determinada ação; a competência é vinculada a quem "sofre" a manipulação, e equivale ao personagem adquirir um saber e/ou um poder para realizar a performance; na sanção ocorre o recebimento de um prêmio ou castigo, de acordo com a performance, ou seja, se foi ou não realizada nos moldes demandados pela manipulação.

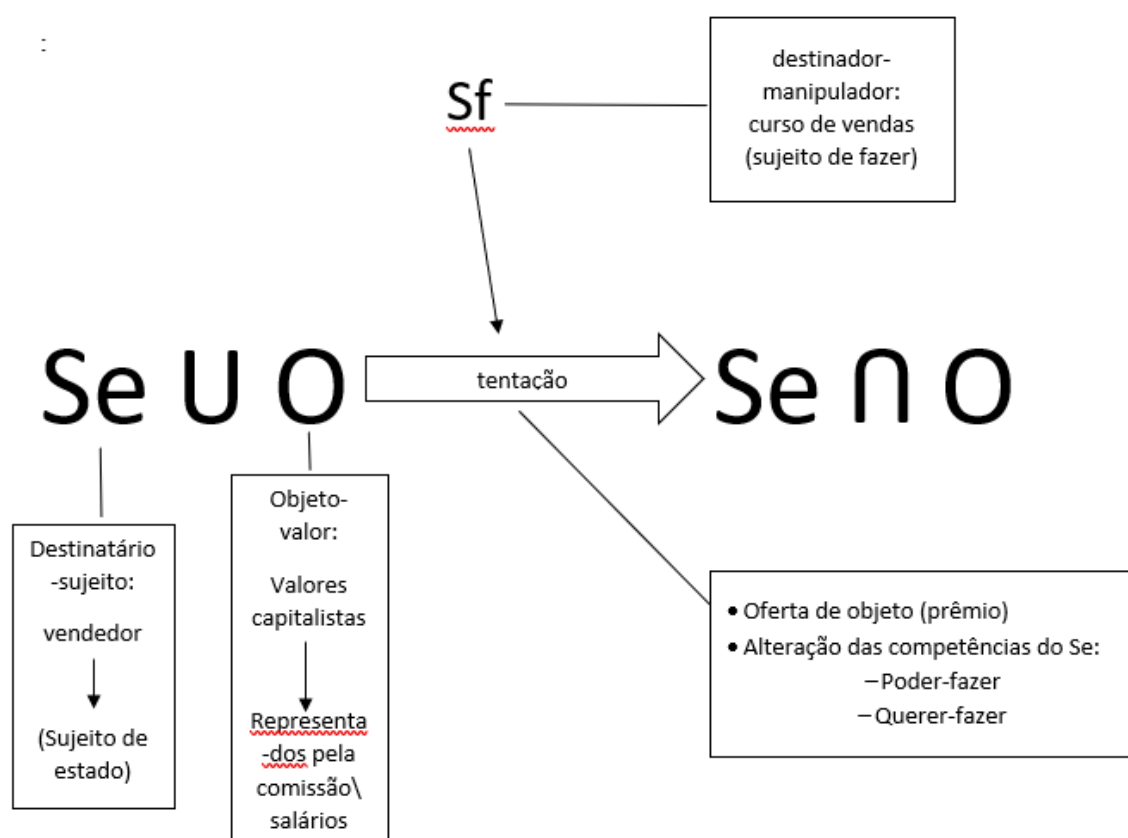
Assim, temos na sequência do texto, inicialmente, o percurso do vendedor com um programa narrativo de competência, seguido de outro em que o vendedor opera como destinador-manipulador (BARROS, 1997) e por último, o percurso da Mafalda, composto pelo programa narrativo do destinador-julgador, em que a personagem opera como julgadora das ações propostas pela manipulação do programa narrativo anterior.

No primeiro programa narrativo, o programa narrativo de competência, ocorre a capacitação de um determinado sujeito para a realização de uma ação proposta. No caso, o personagem vendedor assume o papel actancial (papel do sujeito no Nível Narrativo) de destinatário-sujeito, sofrendo uma manipulação preestabelecida ao texto: supõe-se que o ele assumiu um “contrato” com um destinador-manipulador (curso de vendas), e recebe deste a competência necessária para a performance estipulada – a de vender.

A existência dessa manipulação só fica clara no último quadrinho e, apesar de haver diferentes formas de manipular, neste programa narrativo, podemos supor que o destinador-manipulador faz uso da tentação, através da qual ele, que retém a competência do saber-fazer, irá proporcionar este poder-fazer ao vendedor (destinatário-sujeito), além do querer fazer, através da oferta de prêmio ou recompensa.

Desta forma (e do ponto de vista do enunciado elementar), existe um sujeito do fazer que altera as competências de sujeito de estado, transformando-o, de modo que este saiba e queira realizar a performance (venda) para entrar em conjunção com um objeto – o pagamento\salário\comissão de vendas. O objeto-valor a ser adquirido pelo sujeito de estado são os valores capitalistas, representado pelo salário ou comissão de vendas. O destinatário-sujeito aceita os valores propostos e parte para a realização da performance.

No quadro abaixo, temos a representação gráfica do programa narrativo de competência do vendedor:



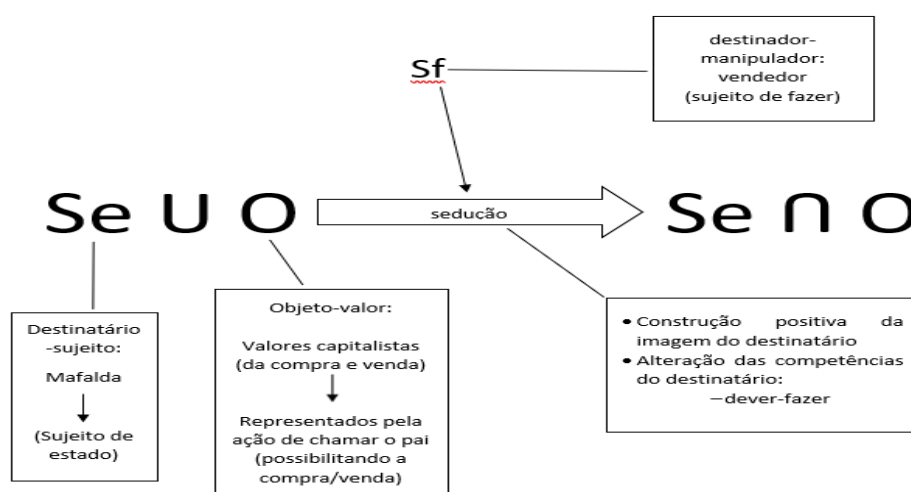
O outro programa dentro do percurso do vendedor é o do destinador. O programa narrativo do destinador é aquele visto da perspectiva do sujeito doador ou destinador de valores modais, de modo que este é quem determina quais os valores devem ser visados, através de uma espécie de contrato com o destinatário sujeito (aquele que sofre a ação/recebe valores), denominado manipulação, conforme já fora dito.

A narrativa inicia-se com a performance do vendedor, referente à manipulação desenvolvida no item anterior. Para realizar sua ação, ele deve lidar com a adversidade de encontrar uma garotinha, alguém sem poder de realizar a compra. Buscando ter acesso a um potencial e efetivo cliente, o vendedor inicia uma sua própria manipulação, dando início ao programa narrativo do destinador-manipulador.

Dessa forma, o vendedor assume o papel actancial (papel dos sujeitos no nível narrativo) de manipulador-destinador que, para realizar a venda, propõe que o destinatário, Mafalda (destinatário-sujeito), possibilite a ação de compra\ venda e, portanto, entre em conjunção com os valores do capitalismo (objeto-valor), através da reafirmação dos valores da família patriarcal (“O chefe da família está?”, que seria provavelmente o pai), e da manipulação por sedução.

A sedução é o tipo de manipulação que propõe uma imagem positiva do destinatário, e assim, no texto, uma menina adequada, integrada aos valores vigentes, que compactua com os valores capitalistas, através da reafirmação dos valores da família patriarcal, irá chamar o chefe em ocasião de possibilidade de compra de um produto. Dessa forma, o vendedor estimula a competência do dever-fazer na garota, se comportando como, do ponto de vista do enunciado elementar, sujeito do fazer, e a menina, como sujeito de estado).

O programa narrativo referente ao vendedor como destinador-manipulador segue representado no esquema abaixo:



Dando sequência a ordem cronológica de acontecimentos do objeto, para que a manipulação seja bem-sucedida, o destinatário Mafalda deve compactuar com valores

propostos pelo destinador vendedor. Entretanto, ela não o faz: segundo ela, sua família não tem chefe, é uma cooperativa (demonstrando a não aceitação dos valores em jogo), e, portanto, ela não executa (não tem o querer) a ação proposta pelo vendedor.

Temos, então, o percurso narrativo da menina, Mafalda, composto por um único programa narrativo, o do destinador-julgador. A personagem recebe o papel actancial de destinador-julgador, aquele que vai julgar as ações propostas pela manipulação a que se refere o vendedor. Para Mafalda, o vendedor teria descumprido um outro contrato, regido pelos princípios da igualdade, e por isso o sanciona negativamente de modo cognitivo diz a ele que sua família não tem chefe, e fecha a porta bruscamente, interrompendo o diálogo.

Numa manipulação, o esperado é que o mesmo personagem que atua como destinador-manipulador opere também como destinador-julgador, assegurando certa linearidade para os fatos. No objeto analisado, ocorre a quebra dessa expectativa: Mafalda é o destinatário-sujeito (que sofre a manipulação) e vai ao mesmo tempo ocupar o papel de destinador-julgador. É essa quebra de expectativa que contribui em parte com o humor na tirinha.

Concluído o aspecto sintático do Nível Narrativo, podemos discorrer acerca do semântico. Basicamente, a Semântica Narrativa se ocupa dos valores inscritos nos objetos. Tendo em vista a definição de objeto “o actante sintático da narrativa que se define pela relação de junção ou de transformação que o liga ao sujeito e que, enquanto posição actancial pode receber investimentos de projetos e de aspirações do sujeito” (BARROS, 1997, p. 84), temos, na Semântica Narrativa, para especificar essas relações entre o sujeito e o objeto, o estudo das modalizações.

As modalizações são determinações de quatro tipos (modos): o querer, o dever, o poder e o saber. Elas podem qualificar a relação do sujeito com o seu fazer (sendo, nestes casos, denominada modalização do fazer, a que diz respeito aos enunciados de fazer) e/ou modificar a relação do sujeito com os objetos de valor (modalização do ser, a que diz respeito aos enunciados de estado).

A modalização do fazer é responsável pela competência modal (condições modais para a realização da performance) do sujeito. Nesse aspecto, no texto, tem-se o vendedor, sujeito de estado, qualificado pelo destinador curso de vendas, adquirindo as competências do saber-fazer (caracterizando uma modalização do tipo atualizante do fazer, que o qualifica para a ação como sujeito atualizado) e desenvolvendo o querer-

fazer (tipo de modalização atualizante do fazer, que instaura o sujeito, passando a ser classificado como sujeito virtualizado).

No processo de modalização do ser, o sujeito de estado, transformado pelo sujeito do fazer, passa investir valores nos objetos e a se relacionar com esses valores (querer, poder, saber ou dever – ou não – estabelecer conjunção ou disjunção com os objetos). Desta forma temos, no texto, o vendedor, um sujeito transformado pelo querer fazer a partir da manipulação estabelecida pelo curso de vendas, qualificado com o saber fazer e que, na prática, não pôde fazer.

A partir da modalização do ser temos os efeitos de sentido “passionais” – as paixões – resultantes desse processo. “As paixões, do ponto de vista da semiótica, entendem-se como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado” (BARROS, 1997, p. 48). No caso de nosso texto, observa-se a paixão da frustração, desenvolvida pelo vendedor diante da impossibilidade de concretizar sua performance. Segundo Greimas, a frustração é uma paixão oriunda da insatisfação, e seu estado inicial é denominado pelo mesmo como um estado de espera.

Na tira analisada, o vendedor acreditava que os valores doados pelo destinador curso de vendas lhe conferiam o saber e, conseqüentemente, esperava poder-fazer (crer-poder). Diante da sanção estabelecida pelo destinador-julgador, a menina Mafalda, o vendedor conclui que não tinha o saber fazer adequado, e, portanto, não podia fazer, à medida que sua espera resultou numa sanção negativa.

Assim, o vendedor ficou frustrado por não alcançar seu objetivo e decepcionado com o curso de vendas que não o qualificou apropriadamente. A atribuição de culpa ao curso de vendas explicitada na última fala gerou a conformidade e, portanto, o reequilíbrio das paixões. Observa-se, então, no último quadrinho, a seguinte configuração passional resultante da modalização do ser: espera – frustração – decepção – conformidade.

Chegamos, então, a terceira e última etapa de análise do Percurso Gerativo do Sentido, o Nível Discursivo, “o patamar mais superficial do percurso, o mais próximo da manifestação textual” (BARROS, p. 53, 1997). “Considerando que “no nível discursivo, as formas abstratas do Nível Narrativo se revestem de termos que lhes dão concretude” (FIORIN, p. 41, 2018), o discurso é, uma versão mais “rica” da narrativa, preenchido pelas opções do sujeito da enunciação e pela relação que a própria enunciação estabelece com o discurso que a enuncia.

Em seu aspecto Sintático, o Nível Discursivo é constituído pelas estruturas discursivas delatadas pelo sujeito da enunciação: é o sujeito da enunciação quem “escolhe” as projeções de pessoa, de tempo, de espaço que constituirão, agora, o discurso. Assim, a Sintaxe do Discurso abrange o aspecto das projeções da instância da enunciação no texto e as relações entre enunciador e enunciatário, bem como os efeitos de sentido alcançados por esses aspectos.

Vale destacar que, como todo discurso procura persuadir seu destinatário para aquilo que é a sua verdade (ou falsidade), os mecanismos do discurso têm por finalidade reiterar essa “ilusão” através dos efeitos de sentido gerado por eles. Tratemos, então, de como esses mecanismos ocorrem especificamente na tirinha em questão, e seus efeitos de sentido a seguir.

De acordo com a Semiótica greimasiana, o mecanismo sintático utilizado para projetar tempo, espaço e pessoa, no discurso, é denominado *debreagem*, enquanto a neutralização dessas marcas de projeção são denominadas *embreagens*. Ambas podem ocorrer de forma enunciativa (quando se projeta, quanto à pessoa, um “eu”, quanto ao espaço da enunciação, um “aqui” e quanto ao tempo, um “agora”) e/ou enunciva (projeção de um “ele”, em um espaço “lá” ou um tempo diferente do “agora” – o “então”).

Na tirinha em questão, observa-se apenas a presença de *debreagens* enuncivas e enunciativas. Na primeira fala (do vendedor) “Bom dia, menina. O chefe da família está?”, pode-se perceber a ocorrência de uma *debreagem* enunciativa de pessoa: temos um “eu” falando diretamente para um “tu”, neste caso explicitado pelo termo “menina”. O uso deste tipo de *debreagem* de pessoa foi escolhido para relatar uma tentativa de proximidade do vendedor para com a personagem, criando meios para a concretização da performance pretendida (venda).

Sobre a projeção de tempo na primeira fala, assim como na projeção espacial, observa-se a *debreagem* enunciativa: a referência de espaço é feita por “aqui, e de tempo, por agora, extraídas a partir da marca “está”. O efeito que se produz com o uso da *debreagem* enunciativa, nesses dois casos é o de aproximação com sua ação: o uso do verbo no presente do indicativo reflete-se na vontade do personagem completar sua intenção acional no instante mais próximo de sua enunciação, e para isso se utiliza de uma linguagem performativamente direta, em oposição ao uso do futuro do pretérito, por exemplo, como em “estaria”.

O segundo quadrinho é uma fala da personagem Mafalda: “Nesta família não há chefes, somos uma cooperativa”. Nela ocorrem debreagens enunciativas tanto de pessoa, quanto de tempo e de espaço. Temos as marcas enunciativas: de pessoa, “nós” (primeira pessoa do plural); de tempo “há” e “somos” (verbos no presente); e de espaço “nesta” (indicando o “aqui”). O uso das debreagens enunciativas neste quadrinho dá-se pela necessidade de objetividade e, conseqüentemente, dinamicidade.

À medida que faz uso do mesmo recurso de debreagem enunciativa realizada anteriormente pelo seu interlocutor, Mafalda responde diretamente e no mesmo patamar que ele, de modo a encerrar o diálogo e cessar qualquer expectativa de seu interlocutor. Além disso, o uso do pronome “nós”, no plural reitera o uso equilibrado do poder da qual ela faz parte: não são uma família, e sim uma cooperativa, com poderes distribuídos igualmente, e, sendo assim, ela tem poderes suficientes para tomar as decisões e encerrar o diálogo.

A última fala da tira é proferida pelo vendedor: “Afinal... Naquele curso de vendas não ensinavam todas as respostas”, e dela depreende-se a presença de debreagens enunciativas de pessoa, tempo e espaço, respectivamente: o vendedor está se referindo a um “ele”, o curso de vendas; o tempo da fala em questão, confirmado na conjugação verbal “ensinavam”, pretérito imperfeito, demonstra concomitância anterior ao tempo “não agora” (“então”); e o espaço enunciativo tem como referência o “lá” e “naquele”.

O efeito produzido pela debreagem enunciativa de pessoa é de enfatizar o afastamento da pessoa dele (vendedor) da entidade do curso feito, e é reiterada pela marca semântica “aquele”. O curso seria algo distante, sem referência ou interferência ao eu-vendedor, à medida que não ensinou o necessário para ser utilizado no aqui e agora. Trata-se da isenção e atribuição de culpa, observadas no item em que tratamos do eixo da Semântica Narrativa.

No caso da projeção de tempo e espaço no último quadrinho, a escolha da debreagem enunciativa ocorre justamente para diferenciar, separar os espaços “aqui” e “lá”. O vendedor demonstra claramente que “naquele” espaço, o do curso de vendas, ocorrido em outro tempo, um tempo anterior, os valores eram diferentes dos valores do espaço “aqui” e do tempo “agora”, em que ele dialoga com a Mafalda.

Sobre esse efeito de sentido, a oposição criada entre as debreagens enunciativas (das duas primeiras falas) e enunciativas (da última fala), podemos perceber um reflexo da

oposição fundamental, no discurso: reflete a existência de uma oposição entre os valores de mundo do lá, do curso de vendas, no qual operam os valores correspondentes à integração, e os valores que operam aqui, na casa da Mafalda, os valores da transgressão.

Além dos tipos de debreagens exemplificados acima, o enunciador do discurso também pode operar debreagens internas de pessoa, responsáveis pela produção de simulacros de diálogo no texto, à medida que estabelecem interlocutores ao dar voz aos atores do discurso – aqueles que cumprem papéis actanciais na narrativa e ao receber investimento semântico, no discurso, passam a cumprir papéis temáticos.

A respeito das projeções de pessoa por debreagem interna, o discurso comporta a existência de seis entidades: enunciador, enunciatário, o narrador, o narratário, interlocutor, e o interlocutário. O **enunciador** seria um desdobramento do sujeito da enunciação, destinador do enunciado, e que não deve ser confundido com o autor, apenas quando conveniente para uma análise do enunciador diante de vários textos de um determinado autor. O **enunciatário** seria, então, o pressuposto público do discurso. “Enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis de destinador e de destinatário do discurso” (BARROS, 1997, p. 60).

Quanto às outras entidades, podemos sucintamente caracterizar o **narrador** como um simulacro discursivo do enunciador, a quem o enunciador delega a voz para narrar, e o **narratário**, a quem, se destina a narração; o **interlocutor**, o “eu” que fala quando o narrador passa a palavra para a personagem, ator do discurso, e o **interlocutário**, o “tu” com quem esse ator fala quando recebe a palavra do narrador.

Na tirinha, depreende-se um narrador como uma entidade não explicitada, apesar de deixar sua marca no texto não verbal: a presença de quadrinhos. A delimitação dos quadrinhos estabelece uma fronteira bem nítida entre o que seria a fala do narrador e das personagens, e instaura o discurso direto. Assim, a palavra é passada aos personagens, atores que funcionam como interlocutores e interlocutários, dependendo de quem se projetará como o “eu”, ao longo do seu diálogo.

A marcação dos quadrinhos, bem como o discurso direto (diálogo) disposto em balões que se direcionam para os interlocutores (indicando sua fala), são elementos do plano de expressão que caracterizam as histórias em quadrinho de um modo geral, e também servem de artifício do enunciador para persuadir o enunciatário a aceitar o que está sendo comunicado. “Os balões talvez sejam o recurso que mais identifica os

quadrinhos como linguagem” (RAMOS, 2010, p. 34). São mecanismos argumentativos de produção de sentido.

Além disso, a maneira como o diálogo é disposto condiz com um diálogo possível: os vendedores ambulantes, quando batem a nossa porta, falam de maneira próxima a do vendedor do nosso texto; o elemento de estranheza (a resposta da menina) opera com a finalidade de chamar a atenção do enunciatário para a mensagem. A fala do vendedor dentro de um balão em forma de nuvem, indicando pensamento (RAMOS, 2010, p. 36), também corrobora a certificação de veracidade do texto: quando alguém reflete sobre algo sozinho, normalmente o faz por pensamento.

Ademais, esses interlocutores representam figuras comuns da nossa sociedade e, portanto, representam também os temas a partir dos quais falam, o que é mais uma maneira de atestar a veracidade do enunciado. Esses procedimentos, denominados figurativização e tematização do discurso, entretanto são aspectos quem competem à Semântica Discursiva, e serão dispostos a seguir.

A Semântica Discursiva é a última etapa do Percurso Gerativo de Sentido. Nela, os valores apropriados pelo sujeito da narrativa são revestidos de elementos semânticos através da tematização e da figurativização, dois níveis de concretização do sentido. Os temas são investimentos semânticos conceptuais – que não se remetem ao mundo natural – e discorrem ao longo do texto sendo recobertos pelas figuras – e essas sim remetem ao mundo natural.

A tematização funciona como uma formulação de valores abstratos, organizados em Percursos Temáticos, através da reiteração de traços semânticos que explicitam um determinado tema e indicam uma possível leitura do texto. Desse modo, os temas classificam e organizam a realidade significativa do discurso através de seus devidos percursos. “A tematização pode concentrar-se quer nos sujeitos, quer nos objetos, quer nas funções, ou, pelo contrário, repartir-se igualmente pelos diferentes elementos da estrutura narrativa em questão” (GREIMAS; COURTÉS, 1989, p. 454).

Posto isso, o sujeito da enunciação tem a incumbência de dissipar os temas e figurativizá-los, de modo a certificar a coerência semântica textual e criar efeitos de sentido, especialmente o de realidade. Assim, o processo de figurativização propicia o recobrimento dos percursos temáticos pelas figuras, atribuindo a eles traços sensoriais, como cheiro, toque, gosto, cor e aspecto. A relação entre as figuras de um texto e seus efeitos de sentido é chamada de Percurso Figurativo.

Na tira em questão, há a ocorrência de certos temas, dentre os quais se destacam: a família patriarcal (que concentra o poder nas mãos do pai da família) e a distribuição igualitária de poder. A ocorrência de traços semânticos que permitem estabelecer uma leitura com o tema da família patriarcal dá-se pelos seguintes itens lexicais: “chefe” e “família”. A temática da distribuição igualitária de poder é estabelecida pela presença de “não-há-chefes”, “somos” (no plural) e “cooperativa”, e figurativizada pela própria Mafalda (uma criança, alguém sem poder numa família patriarcal).

É possível observar que os temas principais, da família patriarcal e da distribuição igualitária de poder, que se opõe entre si, são manifestações discursivas do par semântico do Nível Fundamental (transgressão e integração). A distribuição igualitária de poder são os valores transgressores, enquanto a família tradicional corresponde aos valores comuns e integrativos perpetuados pela sociedade.

Outra temática que se pode perceber no texto é a do machismo inerente e encadeada à temática da apontada acima, a da família patriarcal. Nesse sentido, a figura “o chefe”, através da marca “o” (indicação de masculino), estabelece uma conexão entre essas temáticas, à medida que aparece em contraposição à figura da menina – Mafalda, uma criança e do sexo feminino.

Além dos temas já mencionados, também é possível depreender do texto, a temática do capitalismo. Essa é indicada pela palavra “vendas” e figurativizada pela expressão “curso de vendas” e pela própria figura do vendedor – as roupas, a maleta que carrega e suas falas indicam quem é esse personagem e a razão de sua visita. A relação entre essas duas figuras concretiza e reitera a figurativização do tema do capitalismo tão presente na estrutura social.

É importante observar, sobre a Semântica Discursiva na composição da tira, que a concretização figurativa dos temas é feita pela relação entre as figuras existentes. Isoladas, as figuras talvez não fizessem o mesmo sentido, mas quando contrapostas, elas atribuem/ganham/dão coesão à determinada leitura do texto, ou melhor e mais especificamente, ao Percurso Gerativo de Sentido a que nos propusemos investigar.

Considerações finais

Através da análise do Percurso Gerativo de Sentido da tirinha da Mafalda, pudemos compreender os meios de construção do sentido do texto: seus valores fundamentais, que movem o texto, sua estrutura e encadeamento de transformações na narrativa, e seus mecanismos de projeção bem como sua manifestação temática e figurativa que são responsáveis por engendrar efeitos de sentido de humor e crítica a alguns valores perpetuados na sociedade.

Pode-se destacar alguns pontos conclusivos em cada um dos níveis. No Nível Fundamental, a transgressão de valores, ignorada pelo personagem vendedor, estabelece uma crítica aos paradigmas sociais às quais as pessoas estão “presas”: essas pessoas estariam tão imersas em seus paradigmas que não percebem que estes estão sendo transgredidos, que existem outros valores em circulação.

No nível Narrativo, a estruturação do objeto analisado, fornece ao leitor uma quebra de expectativa, quando o destinatário-sujeito Mafalda é quem vem a ocupar o papel de destinador-julgador. Normalmente, este papel é ocupado por quem cria a manipulação, e essa estranheza gerada é o que contribui, em parte, para o humor na tirinha. Pode-se dizer, também, que a detenção do papel para Mafalda diz sobre as características empoderadas da personagem, apesar de que isso só poderia ser de fato afirmado a partir da análise de outras tiras da mesma personagem.

Além disso, o estudo da modalização do ser permite estabelecer tipologias de culturas. Há culturas, por exemplo que valorizam mais o querer do que o dever e outras que fazem o contrário. No caso do objeto analisado, fica nítida a valorização do querer fazer capitalista, que estipula um prêmio (pagamento) ao sujeito de forma amenizar o dever fazer (do sujeito que deve entrar em conjunção com o dinheiro para sobreviver), conferindo à prática algo independente, de própria iniciativa e vontade do sujeito.

No Nível do Discurso, as escolhas projetivas de pessoa, tempo e espaço, que reiteram a oposição fundamental do texto, juntamente com os temas depreendidos e suas figurativizações, são elementos determinantes para o diálogo entre enunciador e enunciatário. Através desses mecanismos citados, o enunciador transmite posicionamentos e gera, assim, reflexão social, à medida que os temas e figuras encontrados na tirinha estão em circulação nas sociedades.

Assim, a tirinha mostrou-se rica para a análise semiótica, pois embora tenha apenas quatro quadros, é possível depreender dela a concepção de valores e uma complexa análise social sobre esses. O estudo do Percurso Gerativo proporcionou a

observação desses valores, estabelecendo um caminho para se chegar até eles e compreender a intenção que moveu o enunciador, suas críticas e seu ponto de vista.

Referências

Tira da Mafalda, disponível em: <http://clubedamafalda.blogspot.com/2013/09/tirinha-689.html>. Acesso em 26 de outubro de 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, A. C, LANDOWSKI, E. (org.) *Do inteligível ao sensível*. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas. São Paulo: Educ, 1995. p. 81-97.

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1997.

FIORIN, José. Luís. *Elementos de análise do discurso*. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, José. Luís. *Modalização: da língua ao discurso*. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4204/3799>. Acesso em: 08 de dezembro de 2019.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, Thiago Barbosa. *Percurso Linguístico: conceitos, críticas e apontamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. A Semiótica Do Herói: A Conflagração Do Caminho Ascendente De Son Goku. In. *Porto das Letras*, Vol. 06, Nº especial. 2020. p. 113-128. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955> Acesso em: 09 de dezembro de 2020.